



**ENTREATOS LITERÁRIOS: NOTAS SOBRE UM PERCURSO SUBJACENTE
ENTRE A LUZ NO SUBSOLO E CRÔNICA DA CASA ASSASSINADA, DE
LÚCIO CARDOSO**

Frederico van Erven Cabala (UFF)¹
Orientador: André Dias (UFF)

Resumo: Neste trabalho, nos propomos a fazer uma leitura do planejado romance *Apocalipse* enquanto possível elo literário entre as seguintes obras de Lúcio Cardoso: *A luz no subsolo*, de 1936, e *Crônica da casa assassinada*, publicada em 1959. Tais livros apontam para um instigante paradoxo: embora estejam distantes no tempo em mais de vinte anos, esses romances possuem aproximações no plano estilístico, temático e estético. *A luz no subsolo* foi uma obra planejada para integrar um ciclo de romances que não se concretizou. O material de arquivo do segundo volume do planejado ciclo – *Apocalipse* – revela que o autor mineiro se debruçou sobre a ideia até o início da década de 1950, próximo ao início da escrita do seu livro mais conhecido. Assim, pretendemos conceber tal obra inacabada enquanto peça subjacente importante para se compreender uma possível coerência do projeto estético cardosiano.

Palavras-chave: Lúcio Cardoso; Processo criativo; Arquivos; Crítica genética

*Tive mais de cem fracassos. E, para mim,
não tem a mínima importância. Para um
artista, o fracasso e o sucesso são iguais.
Os dois são impostores.*
Antônio Abujamra

Pretendemos abordar, neste trabalho, uma faceta oculta de um dos nossos prosadores mais sombrios. A trajetória artística de Lúcio Cardoso, além de evidenciar pontos luminosos como *A luz no subsolo*, *Crônica da casa assassinada* e *Mãos vazias*, conta com diversos projetos que poderíamos chamar de fracassados – e, para a nossa pesquisa, tentamos pintar o termo no sentido mais positivo possível.

Ao lançar *A luz no subsolo*, em 1936, o autor deixava claro, na capa da 1ª edição, que aquele livro seria parte de uma sequência intitulada “A luta contra a morte”, da qual o segundo volume – *Apocalipse* – já estaria em preparo. “A luta contra a morte”, entretanto, cessou no primeiro título. Anos depois, Lúcio planejou outra trilogia – “O mundo sem Deus” – da qual somente os dois primeiros títulos foram finalizados: *Inácio* (1944) e *O enfeitiçado* (escrito em 1947 e publicado somente em 1954).

A partir de 1940, houve uma tentativa de incursão do escritor mineiro por outras artes, o que também desaguou em alguns malogros. No teatro, Lúcio escreveu ao menos

¹ Mestrando em Letras (UFF). Contato: fredericocabala@gmail.com.

seis dramas em três atos, os quais tiveram pouco retorno positivo de público e crítica. O autor tampouco se satisfazia com as montagens das peças. Sobre uma montagem de *Angélica*, de 1950, o escritor registrou em seu diário “*Angélica*, levada à cena ontem, num teatro minúsculo e pouco confortável, constitui mais um fracasso para se ajuntar à série que me vem perseguindo ultimamente” (CARDOSO, 2012, p. 311).

A série de fracassos a que Lúcio alude parece estar relacionada com seu trânsito pelo cinema. Sua primeira tentativa de direção de um longa-metragem, *A mulher de longe*, de 1949, teve as filmagens abortadas após 25 dias seguidos de chuvas que impediram as filmagens em Itaipu, Niterói.

O caráter de incompletude gira até mesmo em torno da última – e mais louvada – obra do autor: *Crônica da casa assassinada* seria também parte de uma trilogia, juntamente com *O viajante* – este publicado postumamente por Otávio de Faria, que organizou o material inacabado – e *Réquiem*, este não foi além dos esboços iniciais.

Diante disso, para um autor em que a carga criativa foi tantas vezes interrompida, podemos equiparar, em termos de valor e interesse, o não realizado aos feitos finalizados.

Esperamos, assim, abordar aqui o papel do planejado *Apocalipse*, anunciado em 1936 na folha de rosto d’*A Luz no subsolo*, como matriz criativa de ideias que se desabrochariam mais de vinte anos depois na *Crônica*.

Como mencionado, pode-se ver que a capa da 1ª edição trazia essa marcação (Imagem 1). Na folha de rosto (Imagem 2), notamos que o segundo volume já teria nome e estaria em preparo: se chamaria *Apocalipse*, objeto de nossa maior atenção.



Imagem 1: O planejado ciclo “A luta contra a morte”.




Imagem 2: O anúncio de *Apocalipse*

Entretanto, o prometido volume não chegou a ser finalizado. Após *A luz no subsolo*, Lúcio Cardoso dedicou-se sobretudo à escrita de outros gêneros, como contos, peças de teatro, diários e tentou uma incursão pelo cinema. De 1936, ano de *A luz no subsolo*, até 1959, quando publica *Crônica da casa assassinada*, o escritor mineiro publicou somente outro romance em 1943, *Dias perdidos*, de teor autobiográfico.

Alguns críticos e pesquisadores, debruçando-se sobre a trajetória ficcional de Lúcio Cardoso, percebem pontos afins que aproximariam as duas obras. André Seffrin diz sobre *A luz no subsolo*: “Ali estava o germe de *Crônica da casa assassinada*, naquele romance agônico de 1936”. (SEFFRIN, 1997, p. 791). Cássia dos Santos, no artigo “*A luz no subsolo* e a obra madura de Lúcio Cardoso”, aponta que a escrita e a recepção crítica do romance de 1936 foram fundamentais para o desenvolvimento posterior do autor. Otávio de Faria, em uma espécie de balanço sobre a obra Lúcio, sugere que deve haver uma “chave psicológica do longo silêncio que separa o primeiro grande romance de Lúcio Cardoso [*A luz no subsolo* – 1936] do seu segundo grande romance [*Crônica da casa assassinada* – 1959]” (FARIA, 1997, p. 662). E ainda se pergunta:

Que sucedera ao romancista Lúcio Cardoso? Por que *Apocalipse* não chegara a tomar forma definitiva? Por que as perguntas colocadas nas páginas finais de *A luz no subsolo* não tinham tido resposta imediata? Por que o autor se lançara então, e tão ardorosamente, na técnica da novela, para, anos depois, tentar com igual paixão, o substitutivo do drama? Por que a tentação das pequenas confissões que são o



substrato dos livros de poesia, das páginas do Diário, do próprio Dias perdidos? Por que esse como que tatear no vago, essa verdadeira luta contra as sombras interiores, que se diria mais uma fuga ante um intransponível obstáculo do que um itinerário de autêntico ficcionista? (CARDOSO, 1997, p. 663)

Com o eco dessa pergunta e de tais apontamentos, pretendemos examinar aqui como o *Apocalipse* pode ter ocupado um papel de elo entre o início da prosa marcadamente introspectiva de Lúcio Cardoso e seu coroamento décadas depois com a *Crônica*.

Para tanto, os diários e o material de arquivo do autor, disponível no acervo literário da Fundação Casa de Rui Barbosa, revelam indicações importantes.


Em uma inscrição do seu diário datada de novembro de 1949, em meio às frustrações que interromperiam seu filme *A mulher de longe*, Lúcio confia a vontade de voltar à atmosfera de sua primeira planejada trilogia:

Atormentado durante todo o dia pela ideia de escrever romances. Já não penso em novelas, o que resolvia um pouco a minha preguiça em atacar temas muito extensos, mas em retomar o velho painel de *A luta contra a morte*. Sem dúvida teria de vencer as deficiências do primeiro volume, publicado quando eu tinha pouco mais de vinte anos. Mas com alegria iria desaguar nos outros, cujos temas há tanto vivem em minha mente, cujos personagens conheço tão bem, numa paisagem feita de tão obstinadas recordações! (CARDOSO, 2012, p. 226).

Alguns anos depois, em 1954, já em processo de elaboração de seu último romance, Lúcio escreveu uma carta a seu editor Daniel Pereira, na qual fala do andamento da *Crônica* e expressa suas ideias de concepção da obra. Diz ele:

Queria conversar com você, e especialmente sobre a *Crônica* que finalmente tenho quase terminada em sua terceira versão. Não sei se você se lembra de uma coisa que anunciei há muitos anos, o *Apocalipse*, logo depois que publiquei *A luz no subsolo*. Pois bem, com o correr do tempo mudou-se ele para um ‘roman-fleuve’, em vários volumes, e é um trabalho que considero a minha melhor coisa, a mais bem realizada.” (CARDOSO, 1997, p. 755).

Pois bem, cabe nos questionarmos até que ponto o *Apocalipse* serviu como uma espécie de elo literário entre sua primeira ficção introspectiva e suas obras de fase mais madura. Vale também considerarmos os limites de se reconstituir um percurso criativo




do escritor, processo altamente complexo que não pode ser exaurido de modo conclusivo em face das limitações de material de que dispomos.

Ancoramo-nos, ainda assim, nos questionamentos que Foucault deixou em sua conferência-pergunta *O que é um autor*, para borrar as fronteiras sobre o conceito de obra como universo fechado:

O que é uma obra? O que é pois essa curiosa unidade que se designa com o nome obra? De quais elementos ela se compõe? Uma obra não é aquilo que é escrito por aquele que é um autor? [...] será que tudo o que ele escreveu ou disse, tudo o que ele deixou atrás de si faz parte de sua obra? (FOUCAULT, 1992, p. 38-39)

O *Apocalipse* consta no acervo literário do escritor em uma pasta com cerca de 150 folhas, entre manuscritos e datiloscritos. Aparentemente vasto, o material apresenta, contudo, algumas barreiras para a pesquisa. A começar pela falta de datação de quase todo o material, o que dificulta, se não impossibilita, uma posterior organização e a compreensão global de como Lúcio Cardoso imaginou o desenvolvimento desse romance. É possível saber somente que há ali documentos que vão desde 1936 até 1951, último ano assinalado. É um dado relevante, que nos permite vislumbrar extensa faixa de tempo em que Lúcio manteve o projeto de alguma maneira em vista. Importante também notar que o autor parece ter trabalhado no *Apocalipse* após o registro em seu diário da vontade de retomar esse “velho painel”. Outra limitação é o caráter fragmentário do material. Partes essenciais parecem ter sido perdidas; notamos buracos no enredo, que em diversos momentos apresentam saltos de partes supostamente importantes (talvez essa seja a principal razão desses documentos nunca terem sido reunidos para publicação como foram os outros projetos inacabados de Lúcio). Por fim, muitos papéis também estão danificados – retalhados ou acometidos por insetos.

Embora imponha tais dificuldades, o material não deixa de também desvelar sinais que apontam para a mesma direção que tentamos propor aqui: que ali vemos em estado potencial traços observados também na ficção madura do escritor, notadamente na *Crônica*. Tais afinidades se dão principalmente em questão de estilo e aproximações temáticas, o que pretendemos explorar a partir de uma breve passagem pelo enredo. Vale dizer, antes, que uma parte do *Apocalipse* foi publicada como novela em um jornal em 1940 e recebeu o título de *Céu escuro*.




Cruzando o enredo da novela e o que apresenta o material do acervo, vemos que *Apocalipse* narra a saga de uma família, residente numa decadente fazenda, em luta pela manutenção do poder simbólico e social adquirido num passado opulento. Os irmãos Manuel e Mariana travam uma disputa velada pelo domínio familiar após a morte do irmão mais velho Mateus. A atmosfera opressiva do casarão da fazenda do Desterro, assim, assiste ao conflito tácito dos irmãos restantes pelo resto de poder que a propriedade ainda representa para o pequeno vilarejo fictício de São João das Almas. O rumo da contenda fica ainda mais instável quando Manuel começa a se relacionar com uma forasteira prostituta, de nome Bárbara, que costumava se encontrar com seu irmão.

Esse é o principal núcleo em torno do qual circunda *Apocalipse*. De imediato, alguns paralelos com a *Crônica* podem ser assinalados. Inicialmente mencionemos o cenário interiorano. Tanto a Vila Velha da *Crônica* quanto São João das Almas² do *Apocalipse* se apresentam como ambientes fincados em tradições rurais, onde a religiosidade ocupa papel central e os moradores estão sempre observando uns aos outros. Outro ponto em comum é o peso da casa na vida dos personagens. Tanto o casarão da Chácara dos Meneses quanto o casarão da Fazenda do Desterro concentram em si a opressão de um passado de esplendor econômico sobre uma geração atual decadente. Isso se reflete na situação da casa tanto no *Apocalipse* como na *Crônica*, onde observamos a presença de móveis nobres, mas empoeirados, a pintura desgastada das paredes e o permanente cheiro de mofo.

A luz solar de tempos idos parece não brilhar mais nas duas mansões. Isso faz com que os personagens da geração atual tateiem sem rumo e fiquem presos a valores do passado. Nas duas narrativas, vemos em cena também a rivalidade entre irmãos que buscam o mando do prestígio social e notamos a resistência às personagens transgressoras de uma moral familiar. Na *Crônica*, Nina, carioca que se casa com Valdo e vai viver no interior mineiro, nunca é aceita como membro da família, e recebe de outros personagens insinuações sobre um passado imoral. Em *Apocalipse*, a entrada de Bárbara, uma mulher considerada perdida, causa desconforto e desperta o rancor de Mariana. Além disso, estão presentes nas duas histórias tipos semelhantes, como a figura do dono de terra que castiga empregados, o médico, o padre e os vizinhos sempre dados à intromissão mórbida.

² São João das Almas também foi o cenário de uma outra novela do autor: *Mãos vazias*, de 1938.



Em suma, podemos apontar outros pontos de contato que evidenciam o paradoxo da simultânea distância temporal e aproximação temática entre o que Lúcio planejou no fim dos anos 30 e o que publicou nos anos 50. Não pretendemos utilizar equivocadamente uma ótica teleológica, em um olhar por retrovisor que alinha tudo à *Crônica* como finalidade última; a criação literária é algo bastante complexo para ser analisada em tal progressão linear. Além disso, o estado do material não ajuda e não permite cravar afirmações conclusivas. Entretanto, não podemos deixar de salientar as afinidades entre os dois projetos, o que, somado às declarações do próprio autor no diário e em sua correspondência, nos permite compreender melhor as intuições de outros críticos e pesquisadores: que a ficção madura de Lúcio Cardoso para se renovar passou também pelas reconsiderações de antigos projetos.

Referências bibliográficas

CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Edição crítica de Mario Carelli. 2. ed. Madrid: Allca, 1997.

_____. *Diários*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

FARIA, Otávio de. Lúcio Cardoso. In: CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Edição crítica de Mario Carelli. 2. ed. Madrid: Allca, 1997. p. 659-680.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor*. Lisboa: Vega, 1992.

SANTOS, Cássia dos. A luz no subsolo e a obra madura de Lúcio Cardoso. In: WERKEMA, Andréa Sirihal (org). *Literatura Brasileira: 1930*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SEFFRIN, André. Câncer e violetas. In: CARDOSO, Lúcio. *Crônica da casa assassinada*. Edição crítica de Mario Carelli. 2. ed. Madrid: Allca, 1997. p. 790-793.